

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1896 no bairro de Aquidauã, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1974, aos 78 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1928, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado estadual do Ceará (1932/1939), deputado federal pelo Ceará (1939/1945), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que residiu no Rio de Janeiro, trabalhou na biblioteca do estado (atual) e esteve ligado ao movimento literário do Rio de Janeiro e do Estado Aroucaense. Em Recife, em 1928, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense, além de publicar as seguintes obras: *Os Dias de 1919* (1919), *Os Dias de 1920* (1920), *Os Dias de 1921* (1921), *Os Dias de 1922* (1922), *Os Dias de 1923* (1923), *Os Dias de 1924* (1924), *Os Dias de 1925* (1925), *Os Dias de 1926* (1926), *Os Dias de 1927* (1927), *Os Dias de 1928* (1928), *Os Dias de 1929* (1929), *Os Dias de 1930* (1930), *Os Dias de 1931* (1931), *Os Dias de 1932* (1932), *Os Dias de 1933* (1933), *Os Dias de 1934* (1934), *Os Dias de 1935* (1935), *Os Dias de 1936* (1936), *Os Dias de 1937* (1937), *Os Dias de 1938* (1938), *Os Dias de 1939* (1939), *Os Dias de 1940* (1940), *Os Dias de 1941* (1941), *Os Dias de 1942* (1942), *Os Dias de 1943* (1943), *Os Dias de 1944* (1944), *Os Dias de 1945* (1945), *Os Dias de 1946* (1946), *Os Dias de 1947* (1947), *Os Dias de 1948* (1948), *Os Dias de 1949* (1949), *Os Dias de 1950* (1950), *Os Dias de 1951* (1951), *Os Dias de 1952* (1952), *Os Dias de 1953* (1953), *Os Dias de 1954* (1954), *Os Dias de 1955* (1955), *Os Dias de 1956* (1956), *Os Dias de 1957* (1957), *Os Dias de 1958* (1958), *Os Dias de 1959* (1959), *Os Dias de 1960* (1960), *Os Dias de 1961* (1961), *Os Dias de 1962* (1962), *Os Dias de 1963* (1963), *Os Dias de 1964* (1964), *Os Dias de 1965* (1965), *Os Dias de 1966* (1966), *Os Dias de 1967* (1967), *Os Dias de 1968* (1968), *Os Dias de 1969* (1969), *Os Dias de 1970* (1970), *Os Dias de 1971* (1971), *Os Dias de 1972* (1972), *Os Dias de 1973* (1973), *Os Dias de 1974* (1974).

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese de doutorado em Letras, apresentada ao Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1974. A tese foi defendida em 1975 e aprovada. Após a defesa, o autor foi eleito presidente do conselho de administração da Academia Cearense de Letras. Com a ajuda de Leonardo Melo, jornalista, e de Zé, advogado, o autor reuniu o quadro acadêmico, ocasião em que o nome de Justiniano José de Serpa foi escolhido para a Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAPAPÉ

LEONARDO MELO
 POETA CEARENSE

Vence a Paz e o Direito,
 Que se iluminam de luz,
 Das cinzas do Procelário
 Recupera novos bens,
 Trunfo a fim a unidade,
 Magnando a Legalidade,
 Que tem a sombra e não tem luz,
 Que um povo que se redime,
 É um exemplo sublime,
 Que a Pátria é Glória condão.

Os céus se vestem de espumas,
 A terra de luz e flores,
 O sol se adorna das pássaros.

ANTÔNIO SALES

Antônio Sales nasceu em Parazinho, município de Paracuru, Ceará, em 13 de junho de 1868, e faleceu em Fortaleza no dia 14 de novembro de 1940, aos 72 anos de idade. Autodidata. Foi jornalista, deputado estadual (1893-1896), secretário do Interior e da Justiça e, por muitos anos, trabalhou no Tesouro Nacional, no Rio de Janeiro. Colaborou com os mais reputados jornais e revistas do País.

Poeta e prosador, tendo cultivado o romance, o conto, o ensaio e o memorialismo. Foi uma notável personalidade da literatura cearense, fundador e elemento central da Padaria Espiritual, adotando o nome de guerra *Moacyr Jurema*. O trabalho por ele realizado no Ceará teve ampla repercussão nacional e, no período em que viveu no sul de País, privou da amizade de altas figuras da intelectualidade brasileira. Poeta lírico de vastos recursos adotou, também, o gênero satírico e a trova. Como prosador manejava com destreza e brilho a língua vernácula. Principais obras: POESIAS - *Versos diversos*, 1890; *Trovas do Norte*, 1895; *Poesias*, 1902; *Panteon* (sonetos), 1919; *Minha terra*, 1919; e *Águas passadas*, 1944; PROSA - *A política é a mesma*, 1891; *Aves de arribação*, 1914; *Matapau*, 1931; *Retratos e lembranças*, 1938; *Fábulas brasileiras* (literatura infantil), 1944; *História da literatura cearense*; e *Novos retratos e lembranças*, 1995. No Rio de Janeiro, fez uma forte campanha em trovas, no *Correio da Manhã*, contra Nuno de Andrade na direção da Saúde Pública, sendo algumas delas abaixo transcritas.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 8 de setembro de 1922, no período da primeira reorganização do sodalício, ocupando a cadeira 33 (sem patrono). Na reorganização de 1930 passou para cadeira 20, cujo patrono era José Martiniano de Alencar. Foi presidente da Academia Cearense de Letras no período de 1930 a 1937 e presidente de honra de 1937 a 1940.

PESCA DA PÉROLA

A MOURA CAVALCANTE

*O coração é concha bipartida:
Nós guardamos no peito uma metade,
E a outra, quem o sabe? – anda perdida
No revoltoso mar da humanidade.*

*Do escafandro das ilusões vestida,
Neste oceano mergulha a mocidade
Buscando uma afeição que desta vida
Ilumine a profunda escuridade.*

*Encontra algum essa afeição sonhada,
E à tona sobe erguendo a nacarada
Concha que guarda a pérola do amor...*

*Outro, porém, de balde as águas sonda;
Desce, desce, rolando de onda em onda...
E não mais volta o audaz mergulhador!*

FONTE: SALES, ANTONIO. *TROVAS DO NORTE: 1891-1894*. FORTALEZA: TIP. UNIVERSAL, 1895.
P. 12. (BIBLIOTECA DA PADARIA ESPIRITUAL).

OS BRAÇOS DE VENUS

*Vi-te passar um dia pela rua,
Sem ter nos braços uma simples renda,
E é bem que deixes que essa carne esplenda
Ao sol, branca, marmórea, fria e nua.*

*Ora, uma Venus há (que se insinua
Como um tipo de plástica estupenda)
À qual faltam os braços... E essa prenda
Não há um artista que lha restitua.*

*Quem sabe o gesto dos partidos braços?
Demais, quem braços tem que de modelos
Possam servir aos prófugos pedaços?*

*Têm-os tu (escultores, vinde vê-los!)
De tão perfeita correção de traços,
Que a própria Venus quererá tê-los!*

FONTE: SALES, ANTONIO. *ÁGUAS PASSADAS*. RIO DE JANEIRO: ZÉLIO VALVERDE, 1944. P. 47-48

[TROVAS] “TUDO PASSA E O NUNO FICA”

*As nuvens passam nos ares,
a água passa na bica,
navios passam nos mares...
Tudo passa... e o Nuno fica.*

*O gozo que nos afaga,
a dor que nos mortifica,
tudo com o tempo se apaga...
Tudo passa... e o Nuno fica.*

*O trigo passa a ser massa,
passa o milho a ser canjica,
a uva passa a ser passa...
Tudo passa... e o Nuno fica.*

*De certas damas, às vezes,
a barriga cresce, estica...
Mas ao fim de nove meses
Tudo passa... e o Nuno fica.*

FONTE: BÓIA, WILSON. ANTONIO SALES E SUA ÉPOCA. FORTALEZA: BNB, 1984. P. 234 (COLEÇÃO ANTONIO SALES, 9).